

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

ERRO ENQUANTO PERSPECTIVA MEDIADORA NO PROCESSO AVALIATIVO: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS PARA O EDUCADOR

DOI: 10.5281/zenodo.18775513

Maria Betânia do Egito Costa

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB),
especialização em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Patos (FIP).
Professora no município de João Pessoa e de Conde, e-mail betaniaegito@gmail.com

RESUMO: Este artigo discute a avaliação escolar sob uma perspectiva mediadora, propondo uma ressignificação do erro como parte integrante e construtiva do processo de ensino-aprendizagem. Tradicionalmente, a avaliação tem sido utilizada como instrumento classificatório, punitivo e gerador de competição. Em contrapartida, a avaliação mediadora, amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propõe um modelo baseado no diálogo, na aproximação entre professor e aluno e na prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. O objetivo é considerar o erro não como uma falha a ser punida, mas como um elemento diagnóstico que oferece pistas sobre o processo cognitivo do aluno, permitindo ao educador criar situações desafiadoras que promovam a reflexão e a construção de um conhecimento significativo. A partir de uma revisão bibliográfica, analisamos as contribuições dessa abordagem para uma aprendizagem mais inclusiva e autônoma, bem como os desafios enfrentados pelos educadores para sua implementação efetiva.

Palavras-chave: Avaliação escolar; Avaliação mediadora; Processo de aprendizagem.

Introdução

A avaliação escolar, historicamente, consolidou-se como um mecanismo de classificação e seleção, servindo frequentemente como instrumento de disciplina e autoritarismo em sala de aula. Nessa concepção tradicional, o foco recai sobre a competição e o julgamento, em detrimento da aprendizagem e da ação pedagógica. O processo avaliativo era frequentemente reduzido à verificação da memorização de conteúdos, onde os alunos eram vistos como meros receptores, e os erros, como evidências de incapacidade. Embora a violência física tenha sido substituída por formas mais sutis de repressão, essa lógica ainda persiste em muitas escolas, atingindo a personalidade do educando e transformando a avaliação em um ato de testar e medir acertos e erros.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Em oposição a esse modelo, surge a avaliação mediadora, uma abordagem que busca integrar a avaliação ao processo de aprendizagem de forma contínua e dinâmica. Este modelo se baseia no diálogo e na aproximação entre professor e aluno, permitindo que as práticas de ensino sejam repensadas e adaptadas à realidade sociocultural dos educandos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/96, corrobora essa visão ao determinar que a avaliação deve ser contínua e cumulativa, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Nesse contexto, o erro do aluno ganha um novo significado. Deixa de ser visto como algo vergonhoso ou passível de punição para ser entendido como uma ferramenta fundamental de mediação no processo educativo. Ao reconhecer o erro como parte natural do desenvolvimento cognitivo, o educador pode promover uma avaliação formativa que contribui para o crescimento do estudante, incentivando a reflexão e a construção do conhecimento.

Diante disso, o problema que norteia este trabalho é: Qual contribuição o erro do aluno na avaliação pode oferecer ao professor no processo de ensino e aprendizagem? Este artigo, de natureza bibliográfica, busca, portanto, compreender como o educador pode atuar a partir de uma perspectiva mediadora, utilizando o erro como aliado para promover uma aprendizagem significativa.

A concepção tradicional da avaliação escolar: medir para classificar

A prática avaliativa tradicional, ainda presente em muitas escolas, compreende o ato de avaliar como sinônimo de "dar notas", "fazer provas" e "registrar conceitos". Essa abordagem, segundo Luckesi (2006), pode ser descrita como uma "avaliação da culpa", na qual as notas são utilizadas para classificar os alunos, comparando seus desempenhos entre si, em vez de focar nos objetivos de aprendizagem que se pretende alcançar.

Nesse modelo, o instrumento mais comum é a prova, que muitas vezes tem seus objetivos distorcidos, sendo utilizada para "castigar os alunos e ameaçá-los a reprovação". A avaliação torna-se um fim em si mesma, focada apenas na reprodução do conhecimento e utilizada como um instrumento de medida para classificar e julgar o aluno. Essa prática

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

retira dos estudantes a espontaneidade, a criatividade e a criticidade, gerando um ambiente de insegurança e medo. Como consequência, o aluno passa a estudar em função da nota, e não pela obtenção do saber, tornando a aprendizagem um processo desmotivador que contribui para a seletividade social e o fracasso escolar.

A pedagogia tradicional transmite a ideia de que o erro é vergonhoso e precisa ser evitado a todo custo. Sob essa ótica, o aluno sente-se intimidado para se expressar, com medo de falar algo errado e ser exposto. Aprende-se, desde cedo, a buscar respostas "certas" para satisfazer o professor ou o grupo, muitas vezes escrevendo em uma prova aquilo que o educador espera, e não o que o aluno de fato acredita ou compreendeu.

Essa cultura avaliativa, focada na punição, acaba por anular o caráter de continuidade da ação educativa, pois coloca um ponto final em cada tarefa realizada pelo aluno, impedindo seu progresso natural no processo de conhecimento. A valorização excessiva das respostas erradas apenas para "corrigir" e apontar o que o professor julga como certo não favorece a compreensão nem o desenvolvimento da autonomia do aluno.

A Avaliação Mediadora: Um Caminho para a Aprendizagem Significativa

Em contraponto ao modelo tradicional, a avaliação mediadora se apresenta como um processo contínuo, dinâmico e interativo, integrado à aprendizagem. Nela, o educador assume o papel de mediador entre o conhecimento do aluno e os conteúdos a serem aprendidos. O objetivo não é promover ou reprovar, mas sim mediar a aprendizagem, atuando como um agente de formação do aluno.

Essa abordagem propõe que o professor olhe para cada aluno individualmente, investigando e refletindo sobre sua maneira de aprender, por meio do diálogo, da convivência e da proposição de desafios. Para que isso ocorra, é essencial que o professor conheça seu aluno: sua realidade, sua cultura, seu modo de falar e de pensar. É por meio desse conhecimento que o educador pode fazer "novas e desafiadoras questões, na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para a autonomia moral e intelectual" (HOFFMANN, 2000, p. 34).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

A avaliação mediadora possibilita que o aluno construa seu próprio conhecimento, valorizando suas ideias e vivências. O aprendizado ocorre de maneira mais natural, sem o sentimento de obrigação, facilitando a internalização dos conteúdos. A qualidade do ensino, nessa perspectiva, é desenvolver o aluno em seu potencial máximo, com objetivos bem definidos, mas sem uma padronização de notas e valores.

Essa visão é respaldada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9394/96), que estabelece a incumbência dos docentes de zelar pela aprendizagem dos alunos por meio de uma avaliação contínua e cumulativa, na qual os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos. A lei também valoriza os resultados obtidos ao longo do processo em detrimento da nota de uma prova final, reforçando a necessidade de uma avaliação que capte o desenvolvimento do educando em todos os seus aspectos.

Ressignificando o Erro: de obstáculo a ferramenta de mediação

Uma das transformações mais profundas propostas pela avaliação mediadora é a ressignificação do erro. Se a pedagogia tradicional o trata como fracasso, a perspectiva contemporânea o entende como parte natural e necessária do processo de construção do conhecimento. O erro não é um obstáculo, mas um trampolim para uma aprendizagem verdadeira.

Teóricos como Vygotsky (1998) oferecem uma base sólida para essa compreensão. Segundo ele, o erro sinaliza a existência de uma zona de desenvolvimento proximal, indicando que o aluno está próximo de atingir novos níveis de compreensão e precisa do suporte adequado do professor para avançar. Nessa visão, o erro é um indicativo valioso, que aponta os limites do conhecimento atual do aluno e as possibilidades de avanço cognitivo.

Paulo Freire (1996) reforça essa ideia ao afirmar que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção". Isso implica aceitar o erro como parte do caminho para a construção ativa do saber.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Na avaliação mediadora, portanto, o erro torna-se uma rica fonte de informação para o professor. Ele mostra como os alunos raciocinam, seu nível de desenvolvimento e quais aspectos concentram suas principais dificuldades. As perguntas e respostas dos alunos, mesmo que incorretas, representam tentativas de se apropriar do conhecimento e fornecem pistas valiosas para o professor. Segundo Hoffmann (2000), "a teoria construtivista introduz a perspectiva da imagem positiva do erro cometido pelo aluno como mais fecundo e produtivo do que um acerto imediato".

Assim, o erro deve ser visto como um degrau a ser superado na construção de novas hipóteses até que se chegue ao acerto, e não como algo a ser punido com uma única verdade absoluta. Ele se torna um aliado na jornada de aprendizagem, promovendo a reflexão, a resiliência e a autoconfiança.

Contribuições e Desafios para a Prática Docente

Adotar o erro como uma perspectiva mediadora no processo avaliativo representa uma transformação profunda na prática pedagógica, trazendo contribuições significativas, mas também impondo desafios ao educador.

Contribuições da Perspectiva Mediadora

Foco no Aprendizado Contínuo: A avaliação mediadora permite que o educador identifique as dificuldades dos alunos e intervenha de maneira eficaz, promovendo um ambiente onde o erro é visto como uma oportunidade de aprendizado, e não como fracasso.

Feedback Construtivo: Em vez de se limitar à nota final, essa abordagem oferece um feedback que ajuda o aluno a entender suas lacunas e a desenvolver estratégias para superá-las. Esse retorno é essencial para que os estudantes se tornem mais autônomos e reflexivos.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Avaliação Holística e Inclusiva: O modelo permite uma avaliação mais completa, integrando aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Ao respeitar o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada um, a abordagem mediadora promove um ambiente inclusivo, onde todos têm a oportunidade de se desenvolver.

Promoção da Autonomia e do Pensamento Crítico: Ao serem incentivados a refletir sobre suas próprias práticas e erros, os alunos desenvolvem a metacognição, o que favorece a autonomia e a capacidade de aprender a aprender.

Ambiente de Aprendizagem Acolhedor: A criação de uma cultura escolar que valoriza o erro como parte do processo ajuda a diminuir o medo e a ansiedade, que muitas vezes bloqueiam a aprendizagem. Alunos que se sentem seguros para experimentar desenvolvem maior confiança para enfrentar desafios.

Desafios para o Educador

Superação da Cultura Tradicional: O maior desafio é mudar práticas consolidadas e superar a cultura da avaliação punitiva. Isso exige uma mudança de mentalidade não apenas dos educadores, mas também de alunos e pais, acostumados a um sistema baseado em notas e classificações.

Necessidade de Formação Continuada: Para atuar como mediadores, os educadores precisam de formação adequada que ofereça suporte teórico e prático para a implementação de metodologias avaliativas formativas.

Tempo e Recursos: A implementação de uma avaliação mediadora exige mais tempo para planejamento, acompanhamento individualizado e elaboração de feedbacks construtivos, o que pode ser um desafio em contextos de salas de aula numerosas e sobrecarga de trabalho.

Pressões Externas: Sistemas de avaliação padronizados e a pressão por resultados quantitativos muitas vezes dificultam a adoção de uma abordagem formativa, criando uma tensão entre o ideal pedagógico e as demandas burocráticas.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

6. Estratégias para uma Prática Mediadora e Considerações Finais

Para que a perspectiva mediadora do erro se torne uma realidade na sala de aula, é fundamental que os professores adotem estratégias intencionais. Algumas delas incluem:

- Criar um ambiente de aprendizado seguro, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas ideias, arriscar-se e cometer erros sem medo de punição.
- Utilizar o feedback construtivo, discutindo os erros abertamente como oportunidades de aprendizado e encorajando os alunos a perseverar e aprender com suas experiências.
- Promover a reflexão e a autoavaliação, incentivando os alunos a analisarem seus próprios erros, a identificarem suas dificuldades e a pensarem em estratégias para superá-las.
- Incorporar metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas e projetos, que permitem aos alunos explorar, testar hipóteses e construir conhecimento de forma colaborativa.

Considerações Finais

Ficou evidente que avaliar é uma tarefa complexa e de grande responsabilidade. A prática avaliativa não pode se resumir à atribuição de uma nota com o propósito de aprovação ou reprovação. É preciso integrá-la a todo o processo de ensino-aprendizagem, de forma que o aluno seja avaliado por tudo o que produziu e aprendeu, e o erro, nesse contexto, surge como uma poderosa estratégia.

Ao adotar o erro como uma perspectiva de aprendizagem, cultiva-se uma mentalidade de crescimento, onde cada falha é vista como uma oportunidade de evolução. Essa abordagem não apenas enriquece o processo educativo, mas também prepara os indivíduos para enfrentar os desafios da vida com mais coragem, resiliência e determinação.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Conclui-se, portanto, que é fundamental que as escolas incentivem a proposta da avaliação mediadora e que este tema seja objeto de estudo e discussão constante entre os profissionais da educação. A transformação da cultura avaliadora é um caminho desafiador, mas imprescindível para a construção de uma educação mais humanizada, eficaz e verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes.

Referências

- BLACK, P., & WILIAM, D. (1998). Assessment and classroom learning. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 5(1), 7-74.
- BRASIL. LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- HOFFMANN, J. (2000). *Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista*. 29ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- LUCKESI, C. C. (2006). *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- PERRENOUD, P. (1999). *Avaliação da Excelência à Regulação das Aprendizagens Entre Duas Lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- SADLER, D. R. (1989). Formative assessment and the design of instructional systems. *Instructional Science*, 18, 119-144.
- STIGGINS, R. (2005). From formative assessment to assessment FOR learning: A path to success in standards-based schools. *Phi Delta Kappan*, 87(4), 324-328.
- VYGOTSKY, L. S. (1998). *A formação social da mente*. Martins Fontes.